

A Academia das Artes da Arquitetura, Escultura e Pintura

Vida de Matthaeus Grünewald (1674)¹

Joachim von Sandrart²

Tradução: Daniela Kern

Notas de rodapé: Rafael Machado Costa

Matthaeus Grünewald, também conhecido como Matthaeus de Aschaffenburg, não fica abaixo de ninguém entre os maiores dos velhos mestres alemães nas artes do desenho e da pintura; pelo contrário, ele deve ser olhado como um igual, se não superior, aos melhores da época. É lamentável que as obras desse extraordinário homem tenham caído de tal modo no esquecimento, pois não conheço nenhuma única pessoa viva que possa oferecer qualquer informação, seja escrita ou oral, sobre as atividades do mestre. Devo, portanto, compilar com especial cuidado tudo o que sei sobre ele, a fim de que seu mérito possa ser trazido à luz. De outro modo, acredito que sua memória possa ser completamente perdida dentro de poucos anos.

Já se passaram cinquenta anos desde a época em que havia em Frankfurt um pintor muito velho, mas talentoso, chamado Philipp Uffenbach³,

¹ Matthias Gothardt ou Matthias Neithardt, também conhecido como Matthias von Aschaffenburg e Matthias Grünewald, (c. 1470/1480-1528). Pintor da região de Alemanha considerado filiado ao estilo Gótico Tardio, trabalhou na corte de dois arcebispos de Mogúncia. Também foi engenheiro hidráulico, supervisor de construções e vendedor de tintas. Chegou a conhecer Albrecht Dürer (ver *nota 5*).

² Joachim von Sandrart (1606-1688). Pintor, gravador e teórico das artes, foi o primeiro diretor da Academia de Nuremberg. O texto aqui apresentado é um fragmento de seu *A Academia das Artes da Arquitetura, Escultura e Pintura*, que foi editado pela primeira vez em 1675. Neste livro, ele trata de questões artísticas, bem como de biografias de vários artistas, sendo muitas dessas informações retiradas de *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architettori* de Giorgio Vasari (1511-1574) e de *Het schilderboek* de Karel van Mander (1548-1606), mas acrescidas de biografias de outros artistas, muitos deles conhecidos de von Sandrart. Este fragmento aqui apresentado é a mais antiga documentação sobre o trabalho de Matthias, e, devido a um erro de von Sandrart, tornou-o conhecido pelo nome “Grünewald”,

que foi uma vez o aprendiz do famoso pintor alemão Grimer⁴. Esse Grimer era um pupilo de Matthaeus de Aschaffenburg e cuidadosamente colecionou tudo que fosse dele e que pudesse cair em suas mãos. Em particular ele recebeu da viúva de seu mestre todas as maneiras de desenhos maravilhosos, a maior parte deles feita em giz negro e em parte quase em tamanho natural. Após a morte de Grimer, todos eles foram adquiridos por Philipp Uffenbach, que era um homem famoso e pensativo. Naquela época ingressei na escola em Frankfurt, não distante da casa de Uffenbach, e com frequência prestava a ele pequenos serviços; após o que, se estava de bom humor, ele me mostrava esses belos desenhos de Matthaeus de Aschaffenburg, que reuniu em um livro. Ele próprio era um ardente seguidor da maneira de seu mestre, e iria me apresentar os méritos particulares desses desenhos. Após a morte de Uffenbach, sua viúva vendeu todo o volume por uma boa quantidade de dinheiro ao famoso *amateur* Herr Abraham Schelkens de Frankfurt, que o colocou em sua renomada coleção, de modo que o gênio de seu autor poderá ser lembrado por todo o tempo vindouro. Ali os desenhos repousam entre muitas outras magníficas obras de arte, como as melhores pinturas antigas e modernas, livros raros, e gravuras, os quais levaria muito tempo enumerar em detalhe. Gostaria de indicar ao leitor essa coleção, onde cada amante da arte poderia inspecionar e apreciar os desenhos.

Esse excelente artista viveu na época de Albrecht Dürer⁵, em torno do ano de 1505, um fato que pode ser inferido a partir do altar da *Assunção da Virgem* no monastério dos Predicantes (Dominicanos), em Frankfurt. O próprio altar é obra de Albrecht Dürer, mas as quatro asas externas, pintadas em grisalha, foram feitas por Matthaeus de Aschaffenburg. Nelas são mostrados São Lourenço⁶ sobre a grelha, Santa Elizabete, Santo Estêvão⁷, e outros temas

³ Philipp Uffenbach (1566-1636). Pintor e gravador nascido em Frankfurt, teve como discípulo Adam Elsheimer (1578-1610).

⁴ Hans Grimer.

⁵ Albrecht Dürer (1471-1528). Pintor, gravador, humanista, escritor e matemático, foi o maior exemplo de *Homo universalis* do Norte da Europa durante o Renascimento. Filho do ourives Albrecht Dürer, O Velho, (c. 1427-1502), Dürer cresceu tendo ao seu redor vários humanistas e artistas que contribuíram para sua formação e, posteriormente, viajou à Península Itálica, onde teve acesso aos grandes mestres do Renascimento. Considerado por muitos o maior artista do Norte e único equiparável a Leonardo da Vinci (1452-1519).

⁶ Laurentius de Huesca (c. 225-258). Foi um diácono da Igreja Cristã que, durante a perseguição aos cristãos promovida pelo imperador romano Publius Licinius Valerianus I (c. 200-260, r. 253-260), foi convocado pelo imperador, após a execução do Papa Sisto II (215-

que me escapam. Eles ainda podem ser vistos em seu local original em Frankfurt, e são pintados com a maior delicadeza. Especialmente digna de louvor, no entanto, é a *Transfiguração de Cristo no Monte Tabor*, pintada em aquarela; essa cena contém nuvens excepcionalmente belas em que aparecem Moisés e Elias, bem como discípulos ajoelhados no chão. O desenho, o colorido, e cada detalhe no painel são tão excelentemente resolvidos que não há nada que a ele se iguale em lugar algum, de fato, sua maneira e caráter estão inteiramente fora de comparação, de modo que a pintura é uma fonte infinita de encantamento.

O mesmo distinto autor produziu mais tarde três painéis, tendo cada um duas asas pintadas de cada lado, que costumavam ficar em três capelas separadas no lado esquerdo do coro da Catedral de Mayence. A primeira delas mostrava a Madonna com o Cristo Criança em uma nuvem, cercada por um grande número de santos que permanecem no chão, incluindo Santa Catarina⁸, Santa Bárbara⁹, Santa Cecília¹⁰, Santa Elizabeth, Santa

258, p. 257-258), para levar até ele toda a riqueza da Igreja. Diante de Valerianus, Laurentius apresentou-lhe os fieis e seguidores e disse ali estar todo o patrimônio valioso da Igreja, o que lhe resultou a uma condenação a ser queimado vivo em um braseiro sobre uma grelha.

⁷ Stephanós (c. 1-c. 36/40). Stephanós era um integrante do chamado Grupo dos Sete, um grupo de Nazarenos — os seguidores de Jesus — mais extremistas e de origem helenista. Após capturado, foi considerado culpado pelas autoridades de Jerusalém pelo crime de blasfêmia e condenado à morte por apedrejamento. Assim, é considerado o primeiro dos mártires cristãos. Saulos de Tarso, futuro São Paulo, (c. 5-67) teria estado presente na execução.

⁸ Haikateríne de Alexandria (287?-305?). Suposta mártir cristã que teria nascido em Alexandria do Egito em uma família pagã e teria sido altamente instruída e, posteriormente, se convertido ao cristianismo. Teria ainda visitado o Imperador Romano Marcus Aurelius Valerius Maximianus Herculius Augustus (c. 250-c. 310) para convencê-lo a cessar a perseguição aos cristãos. O Imperador teria convocado seus sábios para expor as falhas no argumento de Catarina, mas foi ela quem acabou convertendo-os. Após ter a prisão decretada pelo Imperador, Catarina recebeu a visita da Imperatriz em sua cela e também conseguiu convertê-la, bem como a vários guardas. Quando seria executada no instrumento de tortura conhecido como roda, e equipamento se quebrou diante de suas preces. Quando, então, finalmente foi decapitada, ao invés de sangue, teria escorrido leite do corte em seu pescoço. O corpo de Catarina teria sido levado por anjos e encontrado por monges trezentos anos depois no ponto mais alto da Península do Sinai sem nenhum sinal de decomposição. Jeanne d'Arc (1412-1431) alegava ouvir a voz de Catarina e que teria sido ela que a conduziu a encontrar a espada que empunhava. Muito provavelmente, a lenda de Catarina surgiu da reconstrução da história da filósofa e matemática Hipátia de Alexandria (355-415), sendo a diferença na narrativa o fato de Hipátia jamais ter se convertido ao cristianismo e, por isto — além de questões políticas —, ter sido assassinada por cristãos. A lenda de Catarina seria uma revisão com o intuito de remover das narrativas históricas o assassinato da filósofa motivado por causas religiosas.

⁹ Bárbara (século III-século IV). Filha de um homem rico chamado Dióscoro e nascida no Reino de Bitínia — região da atual Turquia —, Bárbara teria crescido trancada por seu pai em uma torre para ficar protegida da corrupção existente no mundo. Já mais velha, recebeu várias propostas de casamento, mas a todas recusava. Quando seu pai permitiu que visitasse a

Apolônia¹¹ e Santa Úrsula¹², todos eles desenhados de modo tão nobre, natural, charmoso e correto, e tão belamente coloridos, que pareciam estar na

cidade na esperança de que se tornasse mais sociável e aceitasse se casar, ela se encontrou com cristãos, que teriam a convertido. Seu pai teria ordenado a construção de uma casa de banho na torre para Bárbara, pouco antes de sair em viagem. Ao retornar, descobriu que ela tinha ordenado que uma terceira janela, além das duas existentes, fosse aberta na torre e esculpida uma cruz sobre a fonte e alegou serem aqueles símbolos de sua nova religião. Dióscoro teria denunciado sua filha na esperança de que ela desistisse da nova religião ao ser ameaçada pelos administradores da cidade, mas Bárbara se negou, e foi torturada em praça pública e, finalmente, condenada a ser degolada. Bárbara teria tido um seio cortado e foi conduzida até fora da cidade, onde foi degolada por seu pai. Então, no instante em que sua cabeça caiu ao chão, um raio teria fulminado Dióscoro também o matando.

¹⁰ Caecilia Metelos (c. século II-c. 176/180). Caecilia era filha de um senador romano e teve uma educação cristã desde a infância. Teve o casamento arranjado por seus pais contra a sua vontade com um homem chamado Valerianus. Na noite de núpcias, Caecilia explicou a Valerianus que fizera um voto de manter sua castidade e estava sob a proteção de um anjo e, expondo seus argumentos e dizendo-lhe que qualquer agressão contra sua pessoa provocaria a ira de seu deus, conseguiu convertê-lo ao Cristianismo. Valerianus, por sua vez, converteu seu irmão Tiburcius. Ao saber da conversão e diante da recusa dos irmãos em abandonar a nova religião, o prefeito de Roma, Turcius Almachius, condenou-os a decapitação. Depois convocou à sua presença Caecilia e questionou a ela a situação do tesouro dos sentenciados, e ela respondeu-lhe que estavam bem guardados. Quando Almachius descobriu que o tesouro, diferente do que fora alegado por Caecilia, fora distribuído entre os pobres, ordenou que ela fosse levada ao templo para que prestasse reverência aos deuses romanos, mas, no caminho, Caecilia conseguiu converter os guardas que a acompanhavam. Almachius então condenou a ser levada à casa de banho de seu palacete por ser, em algumas versões, asfixiada pelos vapores, em outras, mergulhada em água fervente, sendo que todas alegam que ela sobrevivera ilesa. Então Caecilia foi condenada à decapitação, mas, mesmo após três golpes, o carrasco não conseguiu decapitá-la, apenas derrubá-la ferida. Caecilia teria ficado caída por três dias antes de morrer, e neste tempo pediu para os cristãos que foram lhe ver que distribuíssem seus bens aos pobres e que transformasse sua casa em um templo cristão, além de ter cantado em glória a Deus. Seu corpo ficou perdido por vários anos, até que o Papa Pascoal I (775-824, p. 817-824) alegou ter Caecilia aparecido a ele indicando a localização de seu corpo e, seguindo suas indicações, encontrou o cadáver intacto deitado de lado na mesma posição que teria caído após o golpe. Uma segunda exumação teria sido realizada em 1599, e o corpo teria sido encontrado ainda preservado e na mesma posição.

¹¹ Apollonia (?-249). Apollonia teria sido uma jovem cristã de Alexandria que, durante as violências contra os cristãos da cidade ocorridas durante a comemoração do aniversário de mil anos da fundação de Roma, fora carregada para fora de casa, teve seus dentes quebrados a golpes e foi ameaçada de ser atirada ao fogo caso não renunciasse à sua religião. Então antes que pudesse ser torturada ou forçada a blasfemar, teria se lançado à fogueira por vontade própria e morrido queimada.

¹² Ursula (?-238(?)/283(?)/383(?)/451(?)/640(?)). Ursula teria sido filha do rei bretão de ascendência romana, relatado em mitos, mas de existência não comprovada, Dionotus e que teria recebido a visita de um anjo em sonho consagrando-a a Deus e determinado que deveria permanecer casta. Ursula fora prometida em casamento a outro líder bretão mítico, Conan Meriadoc, e enviado de navio, na companhia de onze mil aias virgens, mas uma tempestade fez com que a embarcação fosse parar na Gália. No continente, Ursula decidiu que iria fazer uma peregrinação pela Europa antes do casamento. Chegando a Roma, convenceu o Bispo de Ravena, Sulpicius, e o Papa Cyriacus a acompanharem. Ao chegar a Colônia, se depararam com a cidade sob ataque de hunos, e todas as virgens foram decapitadas, e Ursula foi flechada pelo líder huno. A lenda sobre Ursula surge de maneira forte a partir do final do século IV, e, ao longo da Idade Média, é recontada por diferentes autores e em diferentes versões. Algumas mencionam uma guerra ocorrida entre Dionotus e o pretendente da filha quando ela decidiu adiar o casamento na esperança de que seu futuro marido se convertesse ao Cristianismo. Ainda, o Papa Cyriacus, personagem da narrativa, não consta nos registros oficiais da Igreja Cristã, mas existiram alguns clérigos que ocuparam altos cargos na Igreja que tinham este nome. Existem ainda algumas distorções na narrativa original promovidas por falhas na

terra ao invés de no céu. O segundo painel mostrava um eremita cego caminhando pelo congelado rio Reno com a ajuda de um menino; ele está sendo morto por dois assassinos e caiu sobre a criança que chora. Essa imagem era tão rica em expressão e detalhe que parecia conter uma riqueza de observações e ideias verdadeiras maior do que essa área poderia sustentar. O terceiro painel era ligeiramente menos perfeito do que os outros dois. Todos os três foram levados embora em 1631 ou 1632, durante a feroz guerra que ocorria naquela época¹³, e enviados para a Suécia de navio, mas desafortunadamente eles foram perdidos em um naufrágio, junto com muitas outras obras de arte.

Dizia-se que havia um painel de altar no mesmo lado em Eisenach, contendo uma notável figura de Santo Antônio; os demônios atrás das janelas eram reputados como especialmente bem feitos. Além disso, o falecido Duque William da Bavária¹⁴, um destacado juiz e *amateur* das belas artes, tinha em seu poder uma pequena *Crucificação* muito boa do mestre, da qual ele gostava muito, sem conhecer o nome do artista. Nela são mostrados a Virgem, São João e Maria Madalena ajoelhada no chão e rezando devotamente. Por causa da estranha figura de Cristo na cruz, que oferece a mais poderosa sensação de estar pendurado, uma vez que o peso de Seu corpo é inteiramente suportado pelo pé, essa *Crucificação* é tão extraordinariamente próxima à vida real que parece verdadeira e natural muito além de todas as outras se a contemplamos por algum tempo com paciência e discernimento. Por essa razão uma gravura em cobre em meio fólio foi feita a partir da pintura por Raphael Sadeler¹⁵ em 1605, por ordem do supramencionado duque, e há algum tempo atrás eu

tradução, como no caso de alguns pesquisadores que refutam a companhia de suas onze mil aias alegando possuir Ursula uma única aia chamada "Undecimilla". A ainda uma teoria sobre a lenda de Ursula ter surgido de uma adaptação cristã da deusa nórdica Freya.

¹³ Aqui von Sandrart se refere à Guerra dos Trinta Anos, uma sequência de conflitos armados entre diversos reinos europeus por motivos de pretensões dinásticas, econômicas e rivalidades religiosas que durou de 1618 a 1648 e se desenrolou principalmente no território da atual Alemanha.

¹⁴ Provavelmente aqui se refere a Wilhelm V, O Piedoso, (1548-1626), Duque da Baviera de 1579 a 1597.

¹⁵ Raphael Sadeler I (1560/1561-1628 ou 1632). Membro de uma renomada família de gravadores flamengos que continuou sua tradição através de seus descendentes. Durante a Guerra dos Oitenta Anos, viajou com seu irmão Jan I (1550-1600) por várias cidades da região da atual Alemanha.

oportunizei grande prazer ao falecido Eleitor Maximiliano¹⁶ quando revelei a ele o nome do artista.

Uma série de xilogravuras que ilustram a Revelação de São João é supostamente atribuída ao mesmo mestre, mas é difícil de obter. Além disso, havia em Roma enquanto eu estava na cidade uma imagem de tamanho natural de São João com suas mãos unidas e seu olhar voltado para cima, como se estivesse contemplando Cristo na cruz. Ela era extremamente comovente, feita com muita devoção e com maravilhosa graça, e era tida em grande estima como uma obra de Albrecht Dürer. Eu, no entanto, reconheci o verdadeiro autor e demonstrei a diferença de estilo, depois do que me solicitaram que pusesse o nome do artista na obra com pintura à óleo — eu estava justamente na época fazendo o retrato do Papa naquele médium — como segue: Matthaeus Grünwald Aleman facit.

Isso, então, é tudo o que pude encontrar sobre as obras desse excelente mestre alemão, além do fato de que ele passou a maior parte do tempo em Mayence, de que levava uma existência recolhida e melancólica, e de que seu casamento estava bem longe de ser feliz. Não sei onde ou quando ele morreu, mas acredito que foi em torno do ano de 1510. Seu retrato é mostrado na prancha CC.

¹⁶ Maximilian I von Wittelsbach (1573-1651). Filho de Wilhelm V (ver *nota*), foi Duque da Baviera — a partir de 1597 — e Príncipe-Eleitor do Sacro Império Romano-Germânico — a partir de 1623.